

The Polish Notes

Pedro Cabrita Reis

Notas esparsas escritas entre os dias 4 e 5 de Setembro de 2009 no quarto 254 do Hotel Grand em Lodz na Polónia.

Meio dia. Escondidas na cor igual das oliveiras, cigarras queimam nos ouvidos, passo após passo. O cão, mais a frente, caminha lento também. Terra e pedras na secura do caminho. Silencioso volta-se, espera que o siga. Nunca o alcanço, vai-se voltando e continuo. Uma pedra e ao lado uma lata velha mais à frente. Restos de um pássaro agora sem nome, depois das formigas e do sol. Flores lilases. Uma nuvem. Fotos simples sem mais. Uma árvore que nasceu entre uma ruína tombada, pedras que foram lugar de alguém. Uma casa e um desenho apressado no caderno. E outra foto. A camera coberta de pó.

Ao longo destes passos por tantas vezes andados na serra em volta, a pergunta retorna, se poderei ainda pintar isto. Telas grandes, uma cor só e nelas toda a aridez que o calor deixa adivinhar nestes verdes. Depois, algum tempo depois mais lá dentro, no fundo do inverno, uma sombra queimada de castanhos, sob o manto cinza da chuva.

Parece que já não, não posso pintar a terra, ouço dizer uma vez ou outra. Leio com tédio, empertigadas, essas asserções que me balbuciam revistas inchadas de publicidade elegante.

Vozes. Perscruto, entre outros, sons entrelaçados, palavras, sopros que desvanecendo brilham ainda por instantes. Guardo-os, e nos meus cadernos são como primeiros desenhos de obras. Mais tarde, títulos, palavras como traves de ferro, uma parede pintada de laranja.

Não vejo porque uma pintura não possa ser uma escultura, um desenho ou outra coisa, esta e outra coisa qualquer.

Uma nomenclatura, uma classificação por géneros, não deriva da forma que, eventualmente, a obra possa convocar. Preferiria antes, para encontrar esse nome, atribuir-lhe outro ponto de partida, um lugar secreto numa muito pessoal cosmogonia do pensamento, o lugar de uma sabedoria nascida do olhar,

corporizado num peso específico oriundo de um intangível modo de ver interior. Seria então, essa talvez, a maneira mais propícia para nomear e dela adviria certamente mais luz do que a que nos chega pela inevitável e assertiva pobreza de convenções como a história ou o hábito.

Olho pela janela. Vejo uma árvore e através dela chega um desenho. Linhas, sem mais e que, noutra altura, em outro lugar se alastrarão pela parede, ou sobre um papel e talvez também se reconstruam em ferros que se soldam uns nos outros, algumas madeiras ou apenas se redesenhem suspensas em luzes fluorescentes. Olho pela janela e tento ver de novo a árvore que desapareceu e do lado de fora não me chega um eco. Em arte o lugar da realidade é apenas o seu nome.

Por qualquer razão obscura os meus passos levam-me com menor convicção às experiências contemporâneas do que aquilo que se vagamente designamos por arte clássica. Aprendemos e afinal, devemos sempre reafirmá-lo, que não há progresso em arte e que cada obra é "per se" uma proposição absoluta para o entendimento dum mundo que em cada uma novamente se revela. Se tomarmos isto por verdadeiro não deveria então ser desigual o meu interesse por umas e outras ou todas as obras. Mas tal não acontece. Tento recordar-me do que vi e são raríssimos os momentos de revelação. Mas dos que me lembro, sinto ainda com um rigor e uma precisão quase física a deriva de uma emoção, forma suprema de conhecimento.

Não creio que a arte se faça de ideias ou, mais especificamente, de ideiazinhas. Vejo por vezes exposições, onde me sinto a tropeçar demasiadas vezes em obras que traficam emaranhados de boas e moralizadoras intenções.

A impossível piedade que esses manifestos afanosamente pretendem despertar, aplicar-se-ia com maior vantagem à ingenuidade dos seus autores do que propriamente ao tédio que se desprende dos seus enunciados. Estranha perversidade a duma arte que se arroga corrigir o mundo e que nos afinal chega envolta numa roupagem "pompier" ainda que agora com uma métrica já contemporânea, mas sempre tão ao gosto do público.

Existe no desenho uma inata qualidade (ou deveria antes dizer, natureza ?) de rigor e imponderabilidade que parece decorrer de uma iminência de antecipação, a qual, com forçada simplicidade, se poderia ilustrar dizendo apenas que sabe a mão por onde e para onde vai sem que isso pareça anunciar-se aos sentidos em

geral. Algumas esculturas parecem fazer-se desta mesma iluminação, um gesto consabido, único e já todo contido nesse momento que antecipa o acto, anunciando-nos com uma quase perfeição, o modo como na fina espessura do ar o objecto vai nascendo e fixando o seu peso. Por vezes, algumas pinturas acontecem do mesmo modo.

Sem que isso seja totalmente verdadeiro, (e o que é que o seria?) há quem tenda a aproximar-se aos meus trabalhos através da lente ou da porta da arquitectura. Tenho algumas dúvidas acerca da justeza desse método. Se eu próprio construí ao longo do tempo da minha obra, referências que, numa leitura meramente formal, poderiam fazer pensar assim - portas, escadas, janelas, paredes, etc. - creio contudo que, na mesma, o gesto substanciador, antes se reporta ao acto primordial da construção, por oposição ao acto final e político da ordenação do espaço colectivo, o qual parece ser por excelência, a utopia perseguida pela arquitectura. Uma sobre outra pedra, traçar um círculo na terra, colocar uma caixa que nunca se abrirá sob uma mesa em torno da qual não existem cadeiras, e com isso tudo desenhar a casa como o entendimento do mundo sabendo que isso poderá ser igualmente verdadeiro num monocromo verde.

Quando a arte se fala, pela voz ou mão do artista que a transporta (e esse o caso destas notas) toda a palavra será obscura. Alguns insistem em perseguir através de uma qualquer exegese, a impossível explicação da obra. Talvez a consigam antever por um instante mas, provavelmente se obriguem, a cada momento a reinventar uma outra e nova política do olhar, como talvez lhe chamassem. Prefiro a lucidez de uma aparente incoerência e aprender nessa cacofonia de rumores e murmúrios que em cada trabalho nos traz, devolvido, o silêncio do princípio, a claridade com que teremos sentido o primeiro encantamento. Afinal uma obra não se conhece, revela-se.

- *The polish notes (portuguese version)*.

ANTUNES, António Lobo; SCHWARZ, Dieter; VAN DER LEY, Sabrina; RICHTER, Markus; REIS, Pedro Cabrita – **Pedro Cabrita Reis: one after another, a few silent steps**. Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2009. ISBN 978-3-7757-2558-3.
p.14-19.

(english-german)